

O ECCO DE BARCELLOS.



Só em Barcellos houve alardo um dia,
Em que o Sol pelos campos dilatados
Com terrivel e fera galhardia
Desasete mil peitos vio armados.

[Poema Epitalamio de Manoel de Gallegos. Oitava 81].

REDACTOR PRINCIPAL E EDITOR RESPONSÁVEL, DAVID DE BARROS E SILVA BOTELHO.

<p>PREÇO D'ASSIGNATURA.</p> <p>Por um anno..... 2\$400 Por seis mezes..... 1\$200 Por tres mezes..... \$600</p>	<p>PUBLICA-SE ÀS QUARTAS-FEIRAS E SABBADOS.</p> <p>Numero avulso 30 rs. Anuncios e Correspondencias, por linha 40 rs. Repetições 20 rs. Para os snrs. assignantes por linha 20 rs. repetições 10 rs. Os annuncios e correspondencias, devem ser remetidas francas de porte ao redactor do ECCO DE BARCELLOS. Assigna-se em Barcellos na loja de Joaquim Alves Vallongo e Souza, rua Direita n.º 30.</p>	<p>E COM ESTAMPILHAS.</p> <p>Por um anno 2\$920 Por seis mezes 1\$460 Por tres mezes \$730 Para o Estrangeiro accresce o porte.</p>
---	---	---

BARCELLOS 11 DE DEZEMBRO.

Está evidenciado pela lição da experiencia, que o progresso caminha a par do desenvolvimento da razão publica, que esclarecida pelas verdades praticas, abraça todos os meios que tendem ao melhoramento e bem estar geral.

As vantagens incalculaveis dos melhoramentos na viação publica, não há já quem as conteste, pois ás mais acanhadas intelligencias, deixam os factos convicções robustas, de que o vigor da vida economica do paiz, não póde dar-se, sem que a facilidade e multiplicidade das vias de communicações, liguem e ponham em contacto entre si, todas as forças productoras, que isoladas definham.

Infelizmente, no nosso paiz tudo se espera da iniciativa e da acção dos governos; e é por isso que Portugal tem no meio do

immenso movimento do progresso e civilização da Europa, vivendo uma longa infancia de inercia e ignorancia, que lhe contraria o desenvolvimento dos seus grandes recursos de vitalidade economica.

Os governos pódem muito, mas não pódem tudo, se os esforços e auxilios particulares lhes não ajudam os propositos para a realisação dos grandes melhoramentos publicos.

Felizmente chegamos a tempo, em que o projecto d'uma nova estrada, é sempre saudado como iniciação de um melhoramento productivo de grandes beneficios; e ninguem já chora a despeza que o Estado faz, por grande que seja, com as obras de viação publica, porque n'ellas se vêem luzir em utilidade e proveito commum, os sacrificios de todos.

E assim, vemos que os governos não só acham apoio, mas até incitamento nos povos, sempre que se trata de facilitar a

communicação entre a producção e o consummo, e de estreitar pela reciprocidade d'interesses os diversos centros de população, como meio unico de avigorar a vida economica do paiz, e crear elementos de progresso para o bem estar geral.

Chegadas as cousas a este ponto, é hoje insustentavel todo o governo que desattenda esta grande e imperiosa necessidade publica. E de feito, com mais ou menos energia, todos mettem hombros a taes cimentos, sendo por isso de crêr que não parêmos no caminho encetado, porque para proseguir, é poderoso estímulo, o reconhecido proveito do que já se fizera.

Aos governos está imposta a obrigação do emprego dos meios necessarios á facil circulação dos elementos vitales do paiz entre os centros principaes: porém o nosso systema de viação ficaria incompleto, se se não curasse dos caminhos concelhios

RESPOSTA QUE DEO CERTO MINISTRO A FILIPPE IV. REI D'ESPAÑHA SOBRE O ESTADO DE PORTUGAL.

Se a allicção pede conselho, annos ha que V. Magestade devia pedi-lo; porque com elle fóra tão facil o remedio, como agora é aspero o desengano.

A verdade nasceo na terra; mas em pobre albergue nunca no palacio morou: e uma vez que lá o Baptista a levou, foi tão mal accete, e tão pouco conhecida, que lhe custou a cabeça.

Nenhuma cousa arruina mais uma monarchia, que o veneno da lisónja. Mais damnoso é um lisongeiro atrevido, que um inimigo declarado, e um contrario poderoso; porque este, posto dê cuidado, do mesmo nasce o remedio; e aquelle docemente se entrega ao descuido, com cujo se arrasta ao precipicio. Mortifica-se o juizo do zeloso, vendo sem remedio governar o appetite, a razão, a malicia, a verdade, a mentira, e a singeleza. Não é bem que um rei dê credito a uma voz, que engana quando deleita, e não sóa quando engana. Examine o coração d'onde sahe; peze-se o mal d'onde vem; porque ha almas que não tem palavras, e ha vozes que sahem d'alma. Nada se executa do que o zeloso desengana, e só se attende ao que o lisongeiro diz. Que vergouhosa se retira a verdade do governo, aonde preside o engano! Perde a graça quem falla na justiça, e sómente a goza quem lisongea.

Senhor, ainda agora se não movêra a minha lingua, se V. Magestade não despertára a minha penna. Temerosa vai a razão, porque sahe d'alma o desvelo: mas não receia a morte quem ao seu soberano obedece, e muito menos eu, que estou já no fim da vida.

Digo pois assim. Meu rei, quem facilita o que não sabe, não sabe o que facilita. Para ter experiencia de uma nação, não basta conhecer de presente; é necessario recorrer ao passado, para não chorar o futuro. Seria milagre grande acerlar a ignorancia, aonde só acerta a prudencia. Portugal negou a V. Magestade o dominio; e acclamou seu Rei. Facilitarão os lisongeiros o remedio, e agora temerosos se retirão do perigo. Esta nação, senhor, conquistou as Indias no Oriente (viagem, que só o imagina-la escurece o animo para emprehendê-la); dominou barbaras naçoens; adquirio com o seu braço muitas cordas; sujeitou com o seu assombro muitos reinos, e eternizou o seu nome não só entre os gentios e pagãos, mas entre o Mundo. Africa, que provou o seu valôr; cherou o seu estrago, e sempre vive temerosa, porque nella se crião os meninos com as suas prodigiosas facanhas. Olinda no Brazil (parte da America), conquistou com sagacidade, mas não ficou com o lucro; porque a expulsarão com violencia, e isto quando o amor não ajudava o podêr; que para rei alheio muito se cobrou com valôr proprio. Este foi o engano que hoje se lamenta sem re-

medio. Com o jugo alheio parecião os leões cordeiros; porém com o proprio, que é jugo suave, são os cordeiros, leões. Castella com tantos milhões, e tanto exercicio d'armas cobrou odio a esta nação, porque desde o seu primeiro Rei até hoje continuou o seu estrago; e o damno passado da idade immediata, continúa a inclinação ao presente. V. Magestade o tem lidó com admiração, o tem ouvido com sobresalto, e talvez o está vendo sem remedio. Dormindo estava o valôr em Portugal; mas a ambição e tyranñia lho desperiou. No espaço de 60 annos não poudes V. Magestade conciliar-lhe o animo, ou adquirir-lhe a vontade, porque os ministros erão tyranmos, cujas tyranñias se olharão sempre sem castigo. Entregues ao esquecimento estavam as suas armas, e com sujeição reprimidas; mas as nossas lhas fizeram lembrar. Senhor, esta gente não se rende com ameaças; mais facilmente se prostrará com caricias. Se os chamamos rebeldes; porque se não determina a razão? Porque não a conhece a justiça? Porque não nos ajudamos do Direito? Finalmente, porque se ha de attender só ao severo, e não ao christão? Letrados dão a V. Magestade o direito, e tambem a Portugal. Pois porque se não pôz esta causa em litigio? Verdade é, que já agora não póde haver juizo nella, porque ha vinte e tres annos, que se sollicita com armas o acerto. Já melhor lhe aconselha o desengano que a razão; e já esta se póde esquecer pelo remedio. Senhor, não dizem tudo

e municipaes, que como ramificações das grandes arterias lhes alimentem a força circulante.

E' este o caso em que o governo póde alguma cousa; mas não póde tudo, como em outro artigo demonstraremos.

Com a devida venia transcrevemos da « Revolução de Setembro » o seguinte artigo :

As nacionalidades não se sustentam com bravatas, mas com bom juizo e melhor administração. Quando as nações desaparecem, quando as monarchias se fundem sumindo-se umas e elevando-se outras, quando a independencia dos povos ou desaparece, ou se modifica, ou se reconstrue n'outras bases, não é com palavras, mas por obras, que deve cada uma cuidar de si, aprendendo nos exemplos alheios, e procurando pela prudencia, tirar pretextos e affastar motivos de inquietação e desgosto.

Nenhum povo vive da sua basofia, porque a basofia não é valor, é fraqueza; não é virtude, é vicio. As tradições gloriosas servem para levantar os animos, para accender os brios, mas não substituem o valor nem o dispensam; e o valor precisa ser coadjuvado com os elementos que a civilisação moderna pôz á disposição da energia e da intelligencia.

Ha bem pouco tempo passa-

mos ahí por um enxovalho, que tambem é uma tradição humilhante, e nas vesporas do acontecimento tambem os fanfarrões e os imbecis promettiam fazer tremmer o mundo, submergir no Téjo as aguias de Napoleão, e julgavam ter vencido as difficuldades com as recordações dos desastres do primeiro imperio, e com quatro tolices de boa marca. Dahi a pouco, esses fanfarrões sumiam-se, sem mesmo se lhes ter feito uma careta, e pagavam o que se lhes pedia.

Deixem-se pois de bravatas, porque todos os conhecemos. A independencia antiga, que os sabios modernos enfeitam com o lindo nome de autonomia para nos mostrarem que sabem grego fallando mouro, carece de outras garantias. Carece da do juizo e da força. E isto não significa que possamos ser o que somos, quando a Europa toda quizer que sejamos outra cousa; mas quer dizer que o juizo e bom governo adquirem e conquistam sympathias; que as sympathias trazem amigos e alliados; e que a força para resistir aos primeiros embates, dá tempo para que os nossos amigos, se os tivermos, nos possam coadjuvar.

Ora, se formos pobres (e somo-lo porque queremos), se formos inermes e inertes, tornamo-nos despreziveis; e d'um povo desprezivel ninguem quer ser amigo, porque ninguem tem interes-

se em o ser; e a amizade das nações sustenta-se pelo interesse, ou pela admiração que possam produzir as grandes virtudes.

Quando a independencia das nações repousava na fé dos tratados e nas prescripções convencionaes do direito publico, a imprevidencia dos meios de defesa era natural; e valia mais empregar as forças do paiz em commettimentos economicos do que em disposições marciaes: mas quando tudo se transforma, e quando a base do direito, ou antes a sua applicação parece modificar-se; cuidar dos meios da conservação e da resistencia, é um dever do governo; e o que se deixar surprehender por imprevidencia póde ser suspeitado de lesopatriotismo.

Quando a administração passada apresentou uma proposta para armamento e defesa do paiz, obedecia a um sentimento nobre e generoso de nacionalidade, e cumpria um dever sagrado. Os pacovios e os velhaeos condemnaram-na, mas a gente sizuda e pensante ha de reconhecer que aquella necessidade publica fôra bem prevista, e que os actuaes ministros não a fazendo remediar então, e addiando a, faltam a um dever, e podem comprometter o paiz.

OS BOATOS DE IBERISMO.

Ha quasi oito seculos, que esta pequena, mas boa terra de Portugal, é uma na-

a V. Magestade; e um Rei deve saber tudo; dizem o bom; e sem razão o dizem: calam o mal; e cresce porque o calam. A saude não se dá com venenos. Um Rei não desmaia com um accidente; pois a um valôr grande tudo parece pequeno.

Fallam a V. Magestade, que Portugal não tem dinheiros, que está falto de navios, e destituido de gente. Traidores são os que o dizem. Quem sem gente nos tem destruido, e tantas vezes desbaratado; que fará com ella? Quem sem dinheiro e navios nos faz chorar a nossa ruina; que não lamentaria-mos, se os tivessem? Senhor, Portugal nos destroçou em Montijo; Portugal nos destroçou em Elvas; Luiz Mendes de Ara fugio, deixando cavallos, artilheria, infantas, e bagagem. Portugal em Evora destruiu a flor de Hespanha, o melhor de Flandres, o luzido de Milão, o escolhido de Napoles, e o mimo da Estremadura. Vergonhosamente se retirou S. Alteza deixando oito milhoens que custou a empreza; oito mil mortos; seis mil prisioneiros; quatro mil cavallos; vinte e quatro peças d'artilheria; e o mais lastimoso foi, que de cento e vinte titulos não escapáram senão cinco.

Germano, o D. Diogo Cavalleiro, com a fuga evitarão a morte, deixando em poder alheio o estandarte do seu Principe.

Se nada tem; ha maior affronta que vencer-nos sem nada? Se nada basta para nós; para que buscamos o nada? Ou isto é valôr, ou milagre; se milagre; a resistencia é loucura: se valôr; maior é a nossa fraqueza; e muito maior que o seu poder, a nossa cobardia.

Cada dia espera V. Magestade que se ganhe,

e cada dia se perde mais. Quarenta mil homens levou o Snr. D. João d'Austria entre infantas, cavallos, e gastadores; levou a maior parte dos cabos que póde ajuntar Hespanha; o maior numero de carroagens que póde attrahir o Poder; o maior aparato que unir póde a ostentação; e o maior trem d'artilheria, que jámais poz em campo Hespanha. De toda esta magnificencia, se não vio mais que mil e quinhentos cavallos, e mil infantas.

Se algumas praças possuímos de Portugal, mais as devêmos á sua traição que á nossa valentia. Ha por ventura grande neste reino, que não esteja pequeno? Poderoso, que se não veja necessitado? Rico, que não lamente; e pobre que não pereça á fome? Em que se consomem os milhões da India? Em que se gastam as rendas de V. Magestade? Aonde morreram mais de cem mil homens nestes vinte e tres annos senão em Portugal? E Portugal sem gente, sem dinheiro, e sem navios, atemorisa o mar, vence campaes batalhas, e até sustenta estranhos reinos! Senhor, a minha penna o diz, e o choram sessenta viúvas, que despertaram em palacio a compaixão de V. M. A minha lingua sem sollicitar applausos, sem manifestar lisonjas, e sem recear perigos, descobre a V. M. os successos; falla o que sente; e sente muito o que falla. Senhor, se não aproveitam traças, se os traidores se descobrem, e se os nossos segredos se revellam; se as nossas machinas se desfazem, e Deus descobre tudo aos portuguezes; está evidente que Deus assim o quer. Nos Ceos se vêem os prodigios, e os milagres são claros. Logo é

desatino grande o oppôr-se o humano ao Divino.

V. Magestade tira nesta guerra a Castella a substancia, a Flandres o soccorro, a Milão a defeza, a Napoles o presidio, ao Imperio a saude, o remedio a Catalunha, e a toda a Europa a esperanza. Não se pôdem já prover as praças; debilita-se o reino; morrem os pobres; e alenta-se o inimigo. França e Inglaterra não pôdem soffrer visinho tam poderoso; e assim ajudam com cautella o necessitado; e se não ó amor que lho deve Portugal, é odio que tem a Castella. Rei, e Senhor meu, de uma parte ha de ser a guerra justa entre christãos, para que não poreção nella tantas almas. O'cco mostra que ó justa a sua; pois os favorece tanto: logo é injusta a nossa. Se não é affronta para Hespanha ter paz com Hollanda, sendo hereje, tyranna, e rebelde; se não a desdoura o procurar pazes com Bretanha; se é conveniente tratat-as com França; porque não ha de ser licito tratat-as com Portugal? Se a Hespanha temem todos, e Portugal vence a Hespanha, melhormente a temeriam, e invencivel será unida com Portugal. Mais credito se perde nas armas, que no brio; mais se interessa nos casamentos de casa, que nas esperanças de fóra. Senhor, em nome dos Estados falla a minha penna: não se governo V. Magestade por quem lhe diz « *Si volueritis et audieritis me, bona terra comedetis; quod si non volueritis, et ad iracundiam provocaveritis, gladius devorabit vos.* » Isto disse Deus; e eu a V. Magestade que o Guarde por muitos annos, etc.

ção independente, e como tal reconhecida na Europa e no mundo.

Mas desde que o conde D. Henrique, e depois definitivamente o seu denodado filho, conquistaram ao resto das Hespanhas nossa nobre independencia, nem um só momento os espiritos verdadeiramente patrióticos deixaram de zelozos vigiar este precioso dom, ganho com tantas fadigas e tanto sangue.

Da vigilancia foi algumas vezes preciso descer á defesa.

Estão para sempre gravados no coração dos verdadeiros filhos desta terra os nomes gloriosos de Valdevez, de Aljubarrota, e Montes Claros.

Mas além das tres grandes guerras da nossa independencia que estes nomes commemoram, e de algumas outras posto que raras, de que a historia faz menor menção, tem havido sempre e nunca interrompida, a luta diplomatica, intrigante, secreta ás vezes, ás vezes patente mas sempre tenaz, porque nasce de dois principios inculcados nos homens e nos povos — o desejo do dominio, e a necessidade o teima de viver. —

Eis porque o povo portuguez, o povo das aldeias e dos casaes, das officinas e das fabricas, o povo *povo*, n'esta luta constante, algumas vezes com as armas, e sempre com o coração; para sustentar a sua independencia, nunca viu nem vê de bons olhos os inimigos d'ella.

E já houve tempo em que o nome d'estes, o nome *castelhano* era entre nós a maxima injuria.

Hoje, como sempre, mas agora mais inquietos e continuados, correm em todo o reino, sobretudo nas suas tres principaes cidades, rumores perigosos para a nossa autonomia, como nação livre e independente.

Receios por ventura de corações que muito amam, e assim talvez sem fundamento, e sem fataes consequencias.

Porém o horisonte politico da Europa não está em demasia claro.

Ha um estadista de um genio dissimulado e profundo, que precisa conter e dominar um povo numeroso e impaciente, e procura para isso os mais aventureiros e desusados lances.

Ha no direito público europeu um principio novo, ha pouco inaugurado na pratica entre os povos, o das annexações, que até agora usado a bem da liberdade, pôde amanhã sê-lo a favor do despotismo.

Ha a palavra de paz, perenne nos labios dos representantes de todas as nações da Europa; mas nunca se trabalhou tanto nos seus arsenaes e acampamentos de guerra.

E neste como furor de ser armazem, não fica a nação vizinha atraz das outras nações europeas.

Ora tambem não é excessivamente risinho o horisonte privativamente nosso.

As nossas colonias de Africa carecem de tudo, e por isso consomem-nos muito dinheiro e não produzem nada.

As da Asia estão no mesmo caso ou peor ainda, continuando a luta do nosso clero com a propaganda, a quem, além da grande e coilete victoria que ha pouco lhe cedemos, vamos dando pedaço a pedaço a herança inteira de Gama, de Albuquerque, e de Castro.

Assim como na Asia, campea a reacção no continente do reino.

As finanças nada tem de prospero: o *deficit* continúa; a reforma das pautas, que ainda não teve tempo para alguma cousa produzir de deffinitivo. é acanhada, e (parece-nos) desconnexa; e os impostos novamente lançados, apesar da sua urgencia, são contudo o susto do povo, e recêa-se a sua cobrança.

Estadistas honrados, com verdadeiro talento e a necessaria energia, ha-os de certo... mas não querem ou não podem governar.

A marinha e o exercito, como taes, são nullos em tudo, menos no orçamento.

Em meios de communicação, alguma coisa ha, mas insufficiente para as necessidades do paiz.

A propriedade territorial é regulada, ou antes escravizada por uma legislação caduca e absurda, e pelo jugo immoral e roedor da usura,

E a moralidade do paiz em geral, e em particular das classes mais elevadas, não é para servir de norma: os patuscos estão de ha muito anichados por toda a parte, e sem punição os criminosos: o circo corrompe tudo, e a calumnia mostra-se rainha por todos os modos que pôde em seu licencioso descaro...

Attendendo pois ao máo e ameaçador estado das coisas publicas estranhas e domesticas, os boatos de iberismo não são tanto para desprezar, como o tem dito alguns jornaes, que vêm tudo pelo lado bello; — felizes sectários do optimismo! —

Não devem porém amedrontar, nem desanimar a familia portugueza.

Verdadeiros ou falsos, aproveitêmonos delles; não para prejuizo, mas para utilidade nossa.

Somos uma nação pequena; mas em sua casa o mais fraco é um leão.

Temos por nós o direito; teremos por nós a vontade de Deus e a opinião publica das nações cultas.

O que é preciso é paz, ordem e união em todos os filhos de Portugal.

Levantemos as nossas fortalezas demanteladas.

Forneçamos com os materiaes de guerra os nossos desprovidos arsenaes.

Armêmos e regularisêmos convenientemente para nucleo no campo da batalha, o pequeno exercito de que resa o orçamento.

O mais, fará o povo na hora solemne; que para defender a sua casa e a sua familia, nem um só portuguez deixou já-mais de ser soldado.

Mas para tudo isto é indispensável unidade entre nós.

Temos um rei mancebo, — que é (note-se bem) descendente do mestre d'Aviz e de D. João IV. Por interesse proprio, elle pugnaria pelos nossos direitos, quanto mais, sendo como é, dotado de uma alma generosa, liberal e patriótica.

Eia pois. Em torno d'elle, portuguezes! A união de muito nos servirá na paz; e será o unico meio de nos salvar-mos na hora do perigo; que, se o ha, é commum; e diante d'este não deve haver senão um partido unico, uma unica bandeira.

Denomina-se o partido — Portugal — o a bandeira seja — a Portugueza. —

BERNARDINO PINHEIRO.



NECROLOGIO.

Um nome mais, acaba de ser apagado do livro dos vivos, pela inexoravel mão do destino!

A ex.^{ma} snr.^a D. Carlota Candida Alvarenga esposa do nosso amigo o ill.^{mo} snr. Ricardo Eduardo de Faria Alvarenga, deixou de existir no dia 9 do corrente por 7½ horas da noite.

Filha desvelada, esposa dedicada, mãe extremosa, é chorada com pranto amargo, por mãe esposo, e filha.

Lamentão tambem com sincera saudade sua perda, todas aquellas pessoas que tiveram occasiões de apreciar a bondade e ingenuidade de seu coração.

Deixou a terra, com perfeito conhecimento de que seus dias sobre ella erão passados.

Podio de per si mesma os Sacramentos, que recebeu no dia do seu passamento.

As despedidas que fez ao inconsolavel consorte, e á querida e afflicta filha, unico fructo que resta do seu consorcio, não podem descrever-se a olhos enchutos.

Ainda ha bem pouco tempo, o illustre irmão da finada digno major Henrique José Alves, nosso excellento amigo, veio despedir-se della por occasião da partida do bravo regimento n.^o 8 para as ilhas.

Mal pensava elle que essa despedida era a ultima!

Irmão affectuoso, terá de carpir a separação eterna d'aquella que tanto presava!

Cumprio-se o destino!

Omnia mors poscit; lex est, non parva, perire.

Recommendara a finada pouco antes de transpôr o limiar do outro mundo, que seu desejo era ser enterrada na campa em que jazia seu filho, ou o mais proximo della que fosse possivel.

Que de affectos não revela essa recommendação!

O saudoso marido soube comprehende-los!

O ataúde partia ás 3 horas da manhã do dia 11 caminho da heroica cidade do Porto, em cumprimento dos desejos manifestados por aquella, cujo cadaver o mesmo ataúde transportava.

Sit illæ terra levis!

CORRESPONDENCIA PARTICULAR.

Porto 10 de Dezembro de 1860.

A politica agita-se, porque geralmente se dá como cousa assentada a dissolução da camara electiva.

Aqui, tractam cartistas e regeneradores, da organização d'um centro presidido pelo Visconde de Gouvêa, ex-governador Civil deste Districto.

A propriedade do «Nacional» passou para a empreza da «Revolução de Setembro», e parece ficará sob a direcção superior do Visconde de Gouvêa, o Nogueira Soares.

Foram effectivamente demittidos os Administradores do Marco de Canavezes e Baião; e parece que não ficará nisto. Confirma-se que o rei não fará graças pelos obsequios que recebeu nas suas vizitas ao Sul e Norte do reino.

A Direcção da Associação Commercial elego hoje os 12 provadores por parte do Commercio, que vão ao Douro qualificar a novidade, e fixar a cifra do vinho exportavel.

Ainda temos por tanto este anno, esta-esteria

despesa, e não pequena; e a phantasmagoria dos côrtes, qualificação official, guias etc., que uma legislação absurda e anachronica authorisa, e com que tantos e tão prejudiciaes abuzos medram!

O rio Douro chegou hontem á altura de 6 pés acima da mais alta praia-mar. Hoje ainda leva uma altura d'agua de 4 1/2 pés acima da mais viva maré, com uma velocidade de 7 e meia milhas por hora. O estado do Douro, que ha 12 dias se conserva anormal, tem a sua navegação interrompida, e a barra fechada, achando-se por isso paralisado o Commercio. No mercado de vinhos tem havido algum movimento.

Está reunida, á hora em que escrevemos, a assemblea geral da nova Companhia — Utilidade Publica — que parece vai constituir-se definitivamente. A empresa do caminho de ferro para a Foz e Léça, e mais tarde para a Povoá, está decididamente organizada, e tem já vencidas todas as difficuldades.

Em boa hora seja.

A Companhia Price (équestre) dá hoje o seu ultimo espectáculo, e parte para voltar depois do Carnaval. Os nossos leões estão magoados, com a idéa de que vão deixar o Porto, as sedutoras amazonas da Companhia.

O theatro lyrico está doente, e mal lhe hirá se muito breve não chega uma nova dama. Os dilettanti já se vão impacientando.

Por hoje nada mais temos que dizer.

NOTÍCIAS DIVERSAS.

HONRA AO MERITO. — Consta que o nobre duque de Saldanha recebeu no dia 6 do corrente uma carta do Imperador da Austria, concebida nos termos os mais lisonjeiros, e ao mesmo tempo a gran-cruz de Leopoldo, uma das mais distinctas condecorações do Imperio. Que em um jantar que actualmente teve lugar em Pariz, e a que assistiram muitos generaes, foi o marechal saldanha victoriado com um brinde feito pelo duque de MacMahon, declarando que o nobre duque era um dos primeiros e mais distinctos generaes da Europa.

REGRESSO. — Já se acha entre nós a exm.^a condessa do Bolhão, e o exm.^o Marquez de Saldanha; tendo regressado toda esta estimavel familia de Vianna para onde tinha ido a banhos.

ESCOLIASTICÔ. — É o titulo de um novo Journal publicado todos os sabados na Capital do Districto. Damos-lhe as boas vindas; e agradecemos-lhe a remessa do seu primeiro numero.

VEIO MUITO A PROPOSITO. — Lê-se no « Vianense ». — Ao passo que entre nós se renovam os receios da união iberica, e em Lisboa se não falla ha alguns dias senão na appareção d'um pamphleto, attribuido a Luiz Napoleão, e no qual se decreta a nossa união á Hespanha, segundo se lê em varias correspondencias da capital; é muito curioso que no reino visinho se propalem tambem receios semelhantes ácerca da sua nacionalidade, que os hespanhoes suspeitam ameaçada pelo mesmo Napoleão. E senão, vejam o que a este proposito diz a *Correspondencia de Hispanha*:

« Respeitamos o dever de lealdade a que obedeceu *La Espana*, publicando uma carta escripta de S. Sebastião. N'esta carta diz-se com referencia a circulos de Londres, que se va proceder ao regulamento da peninsula iberica, isto é, formar uma monarchia, cuja linha será o Ebro, de baixo do sceptro do rei de Portugal, ficando addidas á França, Biscaya, Alava, Guipozcoa, Navarra, parte do Aragon, e quasi toda a Catalunha; as ilhas Baleares para a Inglaterra, excepto Ibiza, de que necessita a França como ponto de escala para Argel.

« Comprehendemos que no estado da Europa, apagadas as noções de direito; enthronizada a força, se concebiam alarmes originados por um sincero espirito patriótico; porém tranquillisa-nos

a consciencia de nosso proprio valor, o convencimento de que a Hespanha não é Napoles, e a segurança de que se attribuem ao imperador dos francezes, propositos que não pôde alimentar, que se lhe suppõe sem razão alguma, e que são impossiveis na briosa nação hespanhola.

OS HESPAÑHOES EM 1860. — Lê-se no mesmo jornal. — Ainda está na memoria de todos o fuzilamento d'um general, accusado de tentativa de rebellião, não se lhe concedendo defeza do crime imputado, e sem lhe valer a supplica tocante e fervorosa do filho, que em troca da vida do pae — da vida, não da liberdade — depunha aos pés da sua soberana as honras e os postos que acabava de ganhar nas plagas africanas, combatendo por ella e pela patria! — E á crueza accresceu a infamia, porque executaram apresadamente o desgraçado Orlega, para depois prenderem os dous filhos de D. Carlos, cúmplices no mesmo crime, mas a quem o projectil do fuzil ou o cutello do carrasco não tinha coragem de alcançar.

É um exemplo frizante da egualdade da lei e da humanidade dos nossos vizinhos; exemplo que outro acontecimento recente não deixa de vir confirmar.

Instaurado o processo crimea um miseravel louco, — assim classificado por toda a imprensa — que com uma pistola que não podia fazer fogo imaginou assassinar a rainha, no momento em que regressava da sua visita a algumas provincias; acaba elle de ser condemnado a prisão perpetua, por ser julgado isento — diz a sentença — *de toda a responsabilidade criminal!* O homem é inteiramente inoffensivo, sem a menor imputação, mas a justiça hespanhola inflige-lhe uma pena! Que codigo penal lão a par da philosophia e da civilização!

MEDALHAS. — O grande conselho da Exposição Agricola, no Porto, decidiu que se mandassem cunhar medalhas d'ouro, de prata e de cobre, para commemorar a honrosa visita de S. M. e AA. á Exposição. — A medalha d'ouro será mandada a El-Rei, as de prata serão mandadas para os museus e archivos do reino, e as de cobre serão distribuidas pelos actuaes socios da Sociedade Agricola do Porto.

NOTÍCIAS DA ILHA DA MADEIRA. — As folhas que se receberam alcançam até 28 do passado. Faziam-se no Funchal grandes preparativos para a recepção da imperatriz da Austria, aposar de S. M. ter dispensado todas as formalidades, vindo simplesmente com o titulo de condessa de Hohenembs.

Esteve gravemente doente a snr.^a condessa de Farrobo, esposa do governador civil, mas no dia 25 do passado já estava livre de perigo.

MOLESTIA. — Acha-se gravemente doente o snr. conde do Bomfim, commandante da 7.^a divisão militar.

NOTÍCIAS ESTRANGEIRAS.

Continúa o atraso do correio estrangeiro, e por isso de pouco interesse as noticias que nos offerecem os jornaes que temos á vista.

Em volta de Gaeta continuam os trabalhos de sitio; e a diplomacia se empenha para com Francisco II a fim de que este abandone a resistencia, que se considera inutil.

Victor Manoel foi recebido em Palermo com grande entusiasmo.

O governo de Turim não cessa de preparar-se para a guerra, e vai organizar a esquadra italiana em tres departamentos — Genova — Napoles — e Ancona.

DESPACHOS TELEGRAPHICOS.

Marselha 1 de Dezembro.

Os Abruzzos foram postos em estado de sitio por ordem de Farini.

Pianelli impõe em um bando a pena de morte aos que fizerem uso de armas sem licença, aos que convocarem o povo, ou insultarem a bandeira italiana. Não ha idéa de se concluir a guerra.

Uma commissão composta de officiaes sardos e sicilianos examina os titulos dos officiaes das Duas-Sicilias que tem adherido ao novo governo.

Vienna 1.

A « Gazeta do Danubio » desmente a noticia da sessão de Veneza, accrescentando que conhece mal a Austria quem julga que venderá os seus direitos.

Pariz 1.

Grandes trabalhos em Turim para organizar a marinha italiana. Serão creadas tres prefeituras maritimas em Genova, Napoles, e em Ancona.

Marselha 2. — As ultimas noticias de Gaeta annunciam que ainda que os piemontezes continuavam o fogo contra a praça, pouco damno causavam. Os sitiadores esperavam a chegada de canhões rayados. Os viveres iam subindo de preço na cidade; e annunciava-se a chegada de dinheiro.

Pariz 5 (pela manhã). — Turim 4.

Victor Manoel deixa Palermo e volta a Napoles.

Napoles 5 (de tarde).

Foram revogadas as disposições do general Pianelli sobre o estado de sitio.

Londres 5.

Sahem para os Estados-Unidos cinco milhões e meio de francos, embarcados.

Nova-Yorek 25.

Varios Bancos suspenderam os seus pagamentos.

Venezia (sem data).

O general Benedeck publicou uma allocução, em que diz prepara uma energica defeza para as eventualidades.

AGRADECIMENTO.

As filhas, nora, e neta, do fallecido José Antonio dos Santos Ferreira Barbosa, desta villa, agradecem por este meio com o mais profundo reconhecimento, os cumprimentos, e obsequios recebidos por occasião do funeral de seu presado avô, pai, e sógro. Agradecem igualmente ao rev.^o ecclesiasticos que se dignaram prestar a sua assistencia.

ANNUNCIOS.

VENDEM-SE

NA RUA DIREITA N.^o 30 — Objectos para secretaria — sabonetes — porte-robres (segura vestidos) — luvas — botões de madre-perola para punhos — bem como outros objectos, por preços muito commodos.

BARCELLOS. — Typographia de José Alves Vallongo e Sousa. — Rua Direita n.^o 28.